

AFROMIGRANTES EM JORNAIS DO SUL GLOBAL: “CRIMINOSOS”, “SAMARITANOS” E “VÍTIMAS”

AFROMIGRANTES EN LOS PERIÓDICOS DEL SUR GLOBAL: “CRIMINALES”,
“SAMARITANOS” Y “VÍCTIMAS”

AFRO-MIGRANTS THROUGH NEWSPAPERS FROM THE GLOBAL SOUTH: “CRIMINALS”,
“SAMARITANS” AND “VICTIMS”

Gilberto A. Araújo*

University of the Witwatersrand
Universidade Federal do Pará

Gizélia Maria da S. Freitas**

Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este artigo examina formas pelas quais migrantes negros/afrodescendentes são representados em um jornal do Brasil e em outro da África do Sul, considerando majoritariamente efeitos de sentido sobre a construção de raça e etnia em notícias publicadas por ambos os jornais em 2015. O trabalho recorre à Linguística de *Corpus* e à Análise Crítica do Discurso no intuito de tratar a linguagem verbal de ambos os periódicos. Conclusões preliminares sugerem que migrantes negros/afrodescendentes são representados a partir das perspectivas de criminalidade, seja como vítimas ou agentes de ilegalidade. Estes sujeitos também são frequentemente posicionados como meros beneficiários da solidariedade, particularmente no caso brasileiro, ou como infratores, no caso do jornal sul-africano. Embora a representação apassivadora seja comum entre os dois periódicos, o jornal brasileiro emprega mais recursos editoriais de discurso reportado sobre os discursos dos migrantes, ao passo que o jornal sul-africano ou os silencia ou aplica menos estratégias editoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Discurso. Representação. Negritude. Sul Global.

* Doutor em Estudos do Discurso Midiático pela University of the Witwatersrand. Professor Assistente de Língua Inglesa na UFPA. Pesquisador-membro da ABPN e da IAMCR. E-mail: gilberto.a.araujo@yahoo.com.br.

** Mestre em Estudos Linguísticos pela UFPA. Professora Assistente de Linguística Aplicada à Língua Inglesa na mesma Universidade. E-mail: gizelia.freitas@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo examina las formas en que se representa a los migrantes negros/afrodescendientes en un periódico de Brasil y otro de Sudáfrica, analizando principalmente los efectos del sentido en la construcción de la raza y la etnicidad en las noticias publicadas por ambos periódicos en 2015. Este trabajo también recurre a la lingüística de Corpus y al Análisis Crítico del Discurso para analizar el lenguaje verbal de ambos periódicos. Las conclusiones preliminares sugieren que los inmigrantes negros/afrodescendientes son representados desde la perspectiva de la criminalidad, ya sea como víctimas o como agentes de la ilegalidad. Estos sujetos también suelen ser posicionados como meros beneficiarios de la solidaridad, particularmente en el caso brasileño, o como delincuentes, en el caso del periódico sudafricano. Aunque la representación pasivizadora es común entre los dos periódicos, el brasileño emplea más recursos editoriales de discurso informado sobre los discursos de los inmigrantes, mientras que el sudafricano los silencia o aplica menos estrategias editoriales.

PALABRAS CLAVE: Migración. Discurso. Representación. Negritud. Sur Global.

ABSTRACT: This paper examines forms through which black/Afro-descendant migrants are represented in a newspaper from Brazil and another from South Africa, mostly considering meaning effects on the construction of race and ethnicity in news articles published by both media outlets in 2015. This work also uses Corpus Linguistics and Critical Discourse Analysis in order to deal with the verbal language of both periodicals. Preliminary conclusions suggest that black/Afro-descendant migrants are represented from the perspective of criminality, either as victims or agents of illegality. Furthermore, these subjects are generally positioned as mere beneficiaries of solidarity, particularly in the case of Brazil, or as offenders in the case of the South African newspaper. Although a passivizing representation is common between the two outlets, the Brazilian newspaper employs more editorial resources of reported speech on migrants, while the South African newspaper either silences them or applies fewer editorial strategies.

KEYWORDS: Migration. Discourse. Representation. Blackness. Global South.

1 INTRODUÇÃO

Nosso principal objetivo com este trabalho é investigar como os imigrantes africanos negros e afrodescendentes são representados nos jornais de dois países selecionados, Brasil e África do Sul, bem como verificar por quais meios a representação deles é construída e projetada. Para tanto, recorreremos não apenas à Análise Crítica do Discurso (ACD), como é de praxe neste tipo de estudo, mas também à Linguística de *Corpus*, com seus conceitos de concordância, frases nominais e palavras-chave, conforme veremos a seguir.

Com efeito, este artigo se divide em mais quatro seções além desta introdutória, que é a primeira. A segunda seção menciona as referências teóricas basilares que seguiremos, bem como elenca os questionamentos que guiaram nosso trabalho. A terceira explicita certos procedimentos teórico-metodológicos, incluindo os aspectos relativos à geração, ao tratamento e à análise de dados. A quarta seção trata da análise e discussão dos dados. Por fim, em nossas considerações finais, procuraremos condensar os resultados da investigação, comparando-os eventualmente àqueles alcançados por outros pesquisadores do Sul Global¹ ou de fora dele.

2 QUADRO TEÓRICO E PERGUNTAS DE PESQUISA

Para demonstrar o desenho sistemático deste estudo, associamos a seguir as linhas teóricas selecionadas e nossas perguntas de pesquisa. Primeiramente, pretendemos abordar a questão de como os imigrantes se tornam notícia, conforme sugerido pela Pergunta A: *Que critérios são empregados pelas entidades de mídia de ambos os países para tornar os imigrantes parte das notícias?* Nesse sentido, este estudo recorrerá às concepções de estudiosos da mídia sobre *News Values, frames* (O'NEILL; HARCUP, 2017) e codificação/decodificação (HALL, 1991), bem como sobre ideologia e hegemonia (BLOMMAERT, 2005), que estão relacionadas a forças internas e externas que podem moldar a produção de mídia. Além disso, este artigo assume um compromisso com a abordagem dialético-relacional da ACD (FAIRCLOUGH, 2015).

¹ Sintagma usado para se referir a regiões política e culturalmente marginalizadas da América Latina, da Ásia, da África e da Oceania. O uso do termo enfatiza as relações geopolíticas de poder que perpassam este outro lado austral do planeta, destituindo a centralidade do Norte Global, ao passo em que reconhece a neocolonização que persiste no Sul do planeta e o potencial deste macro espaço em propor alternativas de desenvolvimento para o mundo (MIGNOLO, 2011).

A saber, *News Values*/noticiabilidade se referem a um conjunto específico de critérios ou propriedades, entre muitos outros, comumente empregados por jornalistas e organizações de mídia para determinar/marcar eventos que merecem ser noticiados. Ou seja, esses elementos apontam quais ‘ocorrências’ são mais significativas ou interessantes para o público-alvo, portanto, dignas de serem publicadas, veiculadas ou compartilhadas (cf. BEDNAREK; CAPLE, 2017).

As concepções deste estudo sobre *News Values* também são baseadas em O’Neill e Harcup (2007). Segundo esses estudiosos, há pelo menos uma dúzia de valores que compõem a noticiabilidade contemporânea. Alguns deles podem ser mais frequentes ao longo deste estudo, como *conflito, surpresa, drama, magnitude, más* ou *boas notícias*.

Como sugerido pelos autores, a noticiabilidade não é apenas uma refração da estrutura específica de mídia, sua história, organização, rotinas gerais e posse/propriedade, mas também uma reverberação da política, da economia e da cultura imediatas e globais. Além disso, jornalistas e veículos de comunicação assumem instâncias ideológicas em relação a essas dimensões ambientais e na operacionalização desses *News Values*, o que também precisa ser considerado. Nesse sentido, divergimos de McNair (2006), que coloca a ideologia em uma categoria à parte, didaticamente afastada da política e da economia (cf. HANSEN; MACHIN, 2019). Para este estudo, a ideologia não deve ser isolada, como se fosse uma unidade, pois ela também constitui todas essas dimensões, inclusive a cultura, pois também pode ser considerada como “grandes narrativas” (BLOMMAERT, 2005, p. 159). Em outras palavras, esse conceito deve se referir tanto a uma representação “partidária” (BLOMMAERT, 2005, p. 159) quanto a uma “representação ‘do mundo’ na perspectiva de um interesse particular” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 44), sem mencionar sua função enquanto conjunto de processos significantes que (re)produzem relações de poder e discursos, que geram significados, signos, valores e, em última instância, verdades simbólicas e regimes de verdade (COWARD; ELLIS, 1977; FOUCAULT, 2010).

Através da ideia de noticiabilidade, ao lado das noções de codificação-decodificação, é possível perceber como as comunicações operam enquanto indicadores de valores e compreensões socioculturais e políticas, uma vez que a situação comunicativa é delineada tanto pela “consciência” quanto pelas “condições sociais”, em diferentes graus de influência de cada um de seus componentes (cf. HALL, 1986). Nessa perspectiva, as circunstâncias históricas, as condições materiais e as relações de poder são essenciais para entender como o mundo é construído nesta ordem simbólica.

Dito de outra forma, trazer noticiabilidade para este trabalho significa considerar as interações entre mídia e ideologia, ou seja, entre produções midiáticas e práticas significantes, que são discutidas, em última instância, por meio dos conceitos de codificação e decodificação, propostos por Hall (1991). Portanto, se os *News Values* podem fornecer algum sentido sobre quais critérios gerais têm sido usados para incluir os imigrantes como parte da mídia, o conceito de codificação-decodificação nos ajudará a entender que outros elementos e sistemas culturais ou simbólicos foram ativados/operacionalizados para incorporar e representar esses imigrantes em determinadas publicações.

Em suas explicações sobre a codificação, Hall (1991) argumenta que esse processo envolve basicamente a seleção de códigos socioculturais, que atribuem significados aos eventos, (re)alocando-os em contextos de referência. Estes, portanto, teriam a capacidade última de atribuir significados a esses eventos. Para Hall (1991), este processo de seleção funciona por consenso e se baseia nos inventários das ideologias dominantes (hegemonia). Assim, para que os consumidores/leitores decodifiquem, ou recuperem/reconstruam os significados codificados, eles precisam implantar uma série de procedimentos de interpretação e tradução, que só poderiam operar com sucesso (do ponto de vista do codificador) se fossem manipulados dentro de visões ideológicas e ideológicas compartilhadas e de *frames*/quadros contextuais. Além disso, as etapas de produção, circulação, uso e reprodução de um determinado produto de notícias são potencialmente capazes de interromper, alterar, desviar ou reprojeter as passagens entre formas e significados pretendidos.

Através de todo este processo de decodificação/codificação a que Hall (1991) se refere, o papel da hegemonia (gramsciana) deve ser reconhecido, uma vez que esta é tanto uma base importante para as operações de decodificação-codificação quanto uma derivação de valores cultural e ideologicamente dominantes, compartilhados dentro de determinada comunidade. Eventualmente, esses valores são refratados nos *News Values*. Diferentemente do que propõem as perspectivas marxistas ortodoxas, e mais próximos de uma visão pluralista, entendemos que as disputas ideológicas (uma das questões-chave nos projetos hegemônicos) afetam profunda

e distintamente a dimensão sociopolítica e cultural, uma vez que este estudo assume a primazia da superestrutura ideológica sobre a econômica, a primazia do consenso (sociedade civil) sobre a força (sociedade política). Isso significa que em tais lutas pode-se perceber o funcionamento da hegemonia, ou seja, os grupos, as classes ou suas alianças dominando outras “[...] classes e grupos subordinados através da elaboração e penetração da ideologia [...] em seu senso-comum e prática cotidiana; é a engenharia sistemática [...] do consentimento em massa em favor da ordem estabelecida (GITLIN, 1980, p. 253).

Como não há linhas fáceis, fixas e claras entre dominadores e dominados, este artigo assume um espectro completo entre as duas posições, com vários graus de dominação e agência, de acordo com múltiplos cenários. Ambos os papéis trazem recompensas para governantes e governados, pois os membros da comunidade que os desempenham confirmam e reconfirmam desigualdades. Nesse sentido, a indústria cultural, particularmente a indústria midiática, é essencial para produzir, retransmitir e reequipar as ideologias hegemônicas (GITLIN, 1980) por meio de suas operações de codificação e decodificação.

Assim, se a hegemonia está relacionada a uma “atividade de formação de opinião” (COX, 1992, p. 151) enraizada nos processos de codificação-decodificação, então valores, signos, significados, percepções, compreensões e, em última instância, verdades simbólicas ou regimes de verdade são bastante relevantes. De fato, os elementos supracitados, que circulam/prevalecem socialmente, são fundamentais para explorar não apenas os horizontes ideológicos das comunidades brasileiras e sul-africanas e suas práticas significantes diante do mundo, mas também as relações de poder, assimetrias ou desigualdades entre seus membros, classes e instituições.

Por fim, uma vez que os imigrantes já são considerados parte da notícia, este estudo passa a abordar, então, a questão de como eles são representados na semiose verbal destes jornais, conforme notado nas Perguntas B e C: *Como os afro-migrantes são referidos e como a eles é dada voz ou não no texto midiático? Quais significados e funções verbais são ativados para representar esses migrantes?* (cf. MACHIN, 2007).

3 METODOLOGIA E CORPUS

Esta pesquisa foi, inicialmente, baseada em *corpus*, não orientada por *corpus*² (cf. TOGNINI-BONELLI, 2001). Consequentemente, a linguística de *corpus* foi de grande ajuda para lidar com o número mais elevado de textos. Suas ferramentas foram, de fato, úteis para capturar amostras de linguagem e administrar a logística do *corpus* (BAKER; LEVON, 2016). Dentre essas ferramentas, enfatizamos o *software* AntConc 3.5.8, *palavras-chave*, *frases nominais* e *concordâncias*, conforme notado na seção de análise.

Nosso *corpus* envolve uma amostra de quarenta artigos de notícias, no total, oriundos de dois tabloides proeminentes, um de cada país. Os critérios empregados na seleção desses jornais nacionais incluíram número de leitores, duração de sua atividade e propriedade nacional (cf. DUGNANI, 2017). Decidimos que sua circulação deveria atingir regularmente mais da metade das províncias ou dos estados de cada país e/ou suas sedes deveriam estar em cidades que recebem grande número de migrantes (CLAASSEN, 2017). Assim, os tabloides selecionados são *Super Notícia*³, do Brasil, e *The Daily Sun*, da África do Sul, com foco em matérias publicadas no decorrer de um ano, 2015 – ajustando-se esse período em alguns meses, para mais ou para menos, a fim de garantir o balanceamento dos *corpora*. A escolha deste período específico é motivada pelo fato de que, em 2015, outra epidemia de xenofobia ocorreu na África do Sul (MONAMA; LANDAU, 2016), enquanto no Brasil os debates humanitários sobre a crise migratória se iniciaram no mesmo ano, com a chegada de afro-migrantes do Haiti, por exemplo.

Além disso, este artigo inclui referências de crítica mais claras do aquelas oferecidas pela ACD anglo-europeia. Uma vez que muitos fatores e processos relativos aos tipos de violência sofridos por migrantes forem notados, será necessário contrastar suas realidades e práticas com referências definidas de democracia, liberdade, justiça e igualdade. Essas referências podem ser encontradas dentro

² Estudos baseados em *corpus* geralmente recorrem a dados para explorar uma teoria/hipótese, tendo em vista sua validação, sua refutação ou seu aprimoramento. Por sua vez, projetos orientados por *corpus* consideram que o próprio *corpus* deve ser a única fonte de hipóteses sobre a língua/linguagem (TOGNINI-BONELLI, 2001).

³ Textos do *Super Notícia* também estão presentes em outro jornal do mesmo grupo midiático, *O Tempo*.

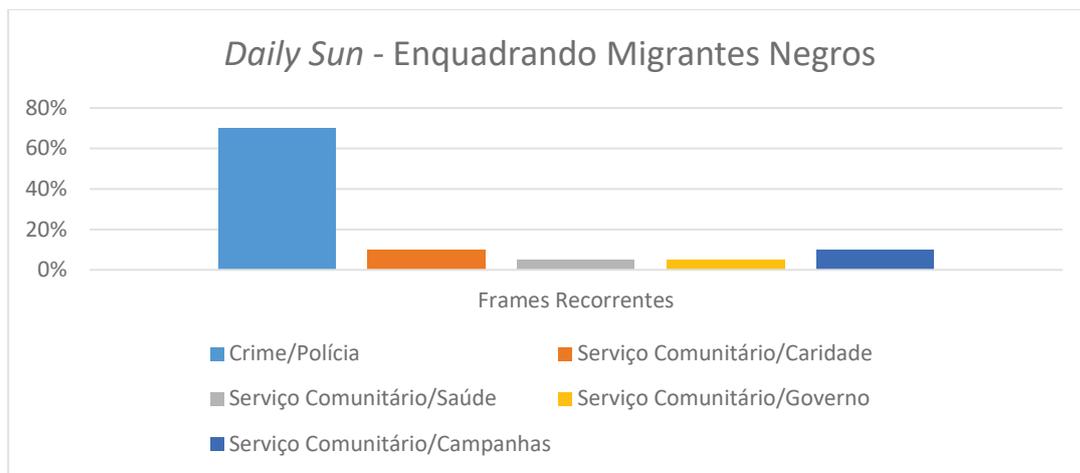
ou relacionadas a muitos princípios do Pan-africanismo e do Mulherismo Africano (HUDSON-WEEMS, 1993), bem como na filosofia latino-americana. Entre eles, podemos citar o direito dos migrantes à automeação, autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993) e autodeterminação/*ujichagulia*; bem como os princípios da hospitalidade, da virtude do convívio, do zelo empático e da “comensalidade como um direito e um dever” (BOFF, 1981, p. 58). Assim, este artigo tem em vista os princípios afro-latinos de justiça democrática e igualdade relativos à raça, à etnia e a outros marcadores de identidade (HIERRO, 1990).

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos inicialmente uma percepção geral dos dois *corpora*, cada um dentro de sua subseção. Posteriormente, discutiremos os *News Values e frames* (O’NEILL; HARCUP, 2017) que permitiram que os imigrantes fossem incluídos na agenda de notícias (pergunta de pesquisa A) e, em seguida, analisaremos e explicaremos as palavras-chave, as concordâncias e os sintagmas nominais (perguntas de pesquisa B e C), à medida em que tentaremos explorar a emergência, o emprego de/a comparação entre diferentes vozes nos textos.

4.1 O JORNAL SUL-AFRICANO

A prospecção dos artigos de notícias sul-africanos revela alguns *frames* e propriedades recorrentes. Quanto ao seu *framing*, o *Daily Sun* coloca os migrantes negros nas seguintes perspectivas no conjunto de vinte textos, resumidos no Quadro 1: crime e questões policiais, caridade, serviços de saúde, serviços gerais de governo e campanhas antixenóforas.



Quadro 1: Enquadramento do *Daily Sun* sobre migrantes negros

Fonte: elaboração dos autores.

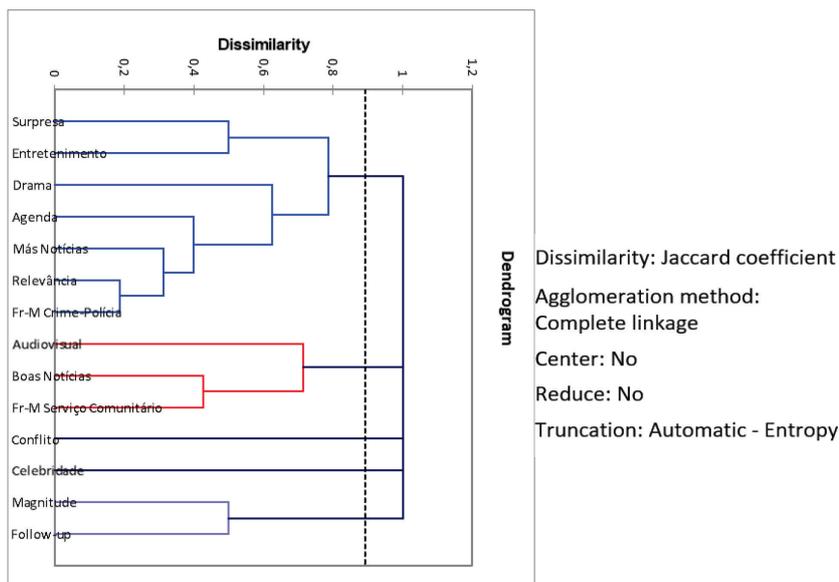
Cerca de 70% dos textos retratam os afro-migrantes à luz de *frames* criminais. Outros 10% sugerem que são sujeitos (5%) ou agentes (5%) de caridade. A mesma porcentagem de artigos (10%) retrata os migrantes como sujeitos de campanhas antixenóforas, o que poderia ser considerada outra forma de caridade também, já que essas iniciativas tendem a posicionar migrantes negros como sujeito de bem-estar coletivo no país anfitrião. E, por fim, estão implícitos como causas (5%) ou vítimas (5%) de problemas gerais e de serviços de saúde em relação ao governo. Esses artigos representam 10% do número total de artigos do *corpus* do *Daily Sun*.

Como um exemplo de quão pervasivo o crime aparece nesses textos, enquanto *framing*, podemos mencionar o fato de que, em muitas reportagens, os migrantes estavam relacionados às atividades de mineração ilegal no país, à travessia ilegal de fronteiras, ao tráfico de crianças e à corrupção nos negócios. Em outros casos, os migrantes são retratados como vítimas de corruptos funcionários públicos, quando tentam obter autorizações para viver no país, e da violência local, quando suas lojas são atacadas e saqueadas em demonstrações de ódio e disputa por recursos. Além disso, certos textos sugerem alguma forma de associação entre os migrantes e a sobrecarga do fragilizado sistema público de saúde sul-africano.

Dos 70% mencionados acima, 20% dos artigos relacionados com o crime sugerem afro-migrantes como vítimas. Se admitirmos que a imagem de vítima pode suscitar uma aura de misericórdia e compaixão em relação a esses migrantes, esse percentual poderia ser somado às outras duas parcelas de 5%, totalizando 30% dos artigos que implicam os migrantes negros como dignos de pena, particularmente porque tendem a reservar um lugar de fragilidade e passividade a esses mesmos sujeitos.

Assim, notamos duas tendências principais neste *corpus*. Por um lado, 55% dos artigos sugerem que os imigrantes são criminosos e transgressores (se somarmos os 5% que sugerem que os migrantes estão causando problemas no sistema público de saúde) e, por outro, 30% os retratam como sujeitos transformados em vítimas. Nessas circunstâncias, apenas 15% das notícias parecem realmente retratar os migrantes de uma forma que não é condescendente, nem depreciativa, ou seja, como agentes de seu próprio destino, como empreendedores de ação e como sujeitos mais independentes e com direito a mais formas de autoexpressão. Consequentemente, apenas nesses casos o direito dos migrantes à autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993) não parece ter sido negligenciado, uma vez que os espaços para o uso livre da palavra para discursivizar a si mesmos parece ser um evento raro em alguma medida.

Antes de continuar a discussão sobre isso, examinemos mais de perto como os migrantes se tornam parte da mídia, isto é, quais critérios/*frames* ou *News Values* são mais empregados para trazê-los ao mundo das notícias enquanto sujeitos/objetos. Uma análise mais atenta das reportagens mostra que as *más notícias*, o *drama* e a *agenda* da organização de notícias são os elementos mais frequentes de noticiabilidade que levam à incorporação de migrantes nas publicações, conforme ilustrado no Quadro 2:



[Fr-M = Frame de Mídia e *News Values*]

Quadro 2: Uso de *News Values* pelo *Daily Sun*

Fonte: elaboração dos autores

Os dados sugerem que as *más notícias*, a *agenda* organizacional e a *relevância* são os elementos mais comuns enquanto *News Values*. Isso não parece revelador, uma vez que já existem pesquisas suficientes indicando uma tendência da imprensa às notícias ruins. No entanto, é interessante notar que o *entretenimento* é um pouco mais frequente, em combinação com *más notícias*, *conflito* e *drama*, do que *boas notícias*, o que pode ser observado, por exemplo, em dois artigos: no primeiro (“Mulher malandra me drogou”), o migrante é visto como um vulnerável homem que foi enganado por uma vigarista sul-africana e, no segundo caso (“Drogados mordem a mão solidária de Simon”), os migrantes são vistos como traidores que podem ser ingratos face ao que um sul-africano realiza em prol deles.

Uma dinâmica semelhante também pode ser verificada em relação ao valor *surpresa* da notícia, que está mais associado às *más notícias* e ao *conflito*, bem como ao *drama*. Aqui, a leitura dos dados indica que sofrimento, estranheza, *surpresa* e dor têm mais

chance de se relacionar ao espetáculo do *entretenimento*. Duas notícias ilustram essa realidade com muita precisão. Em uma delas, “Estrangeiros levaram a pior” – em que as lojas de proprietários estrangeiros são repetidamente saqueadas por sul-africanos –, o sofrimento, os sentimentos de isolamento e de abuso são de certa forma utilizados para promover a notícia. Neste caso, a vitimização de migrantes parece ser exacerbada para criticar também a corrupção generalizada atribuída aos nacionais. Da mesma forma, a segunda notícia, “Acima do muro”, sugere um funcionamento semelhante de vitimização, em que servidores públicos corruptos exigem suborno dos migrantes para lhes conceder permissão de residência no país. Por outro lado, essa notícia também sugere que os migrantes, estando em uma posição indefesa, respondem a essas demandas sendo igualmente corruptos, pulando muros de escritórios públicos e cometendo outras violações éticas ou legais na esperança de obter a documentação adequada.

Obviamente, seria especulação presumir que a tragédia humana é, nessas instâncias, explorada/abusada pelo noticiário. No entanto, tal suposição ainda está dentro de uma interpretação razoável dos dados. Nesse caso, o tabloide estaria em violação direta dos princípios de *ujima* (responsabilidade coletiva) (KARENGA, 1998) e de zelo empático (BOFF, 1981) com relação aos migrantes.

Outro aspecto a que este artigo deve atentar é a combinação não só dos próprios *News Values*, como também a associação desses elementos com os *frames* apresentados no Quadro 1. Nesse sentido, a *surpresa* é empregada ao lado do *drama*, do *conflito* e das *más notícias*, bem como do *frame* crime-polícia. Notavelmente, o *entretenimento* também é usado com o *frame* crime-polícia ou, com menos frequência, com o *frame* de serviço comunitário (governo e saúde). Nesses casos, o *entretenimento* destaca a projeção dos migrantes como vítimas (25% dos artigos) ou como agressores (15%). Mais uma vez, essa constatação reforça o quadro de uma tendência mencionada anteriormente, qual seja, a de explorar o sofrimento dos migrantes, assujeitando-os. Assim, além dos princípios violados mencionados no parágrafo anterior, parece haver uma violação do direito dos migrantes à autodeterminação (KARENGA, 1998) quando se trata de sua representação nesta dimensão particular. Nesse sentido, e conforme sugerido em passagens anteriores, é preciso recordar que consideramos as proposições ontológicas e epistemológicas da filosofia panafricana e latina não apenas como princípios, mas também como direitos de africanos e seus descendentes.

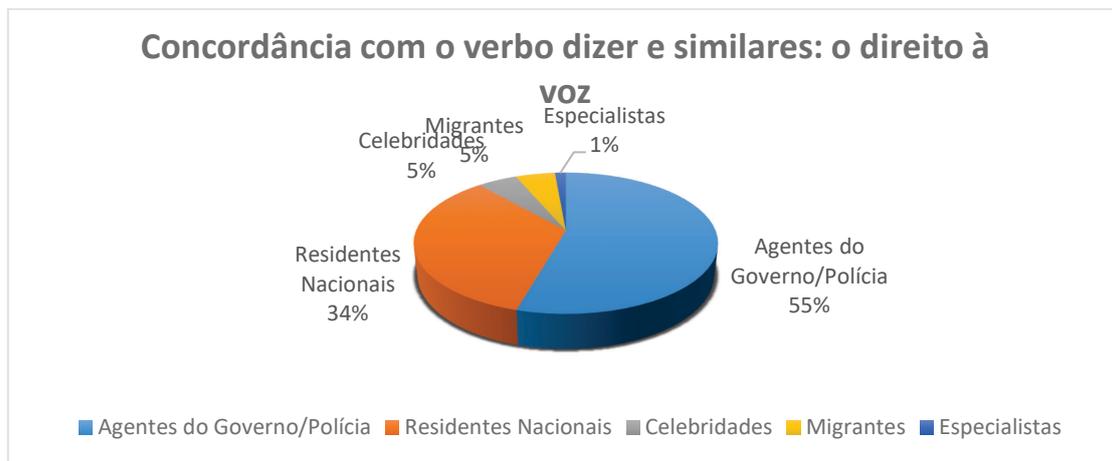
Agora, voltemos nossa atenção para as palavras-chave, concordâncias e frases nominais. O uso do *software* AntConc 3.5.8 para navegar pelo *corpus* revela que os termos lexicais mais comuns que aparecem são verbos relacionados à fala relatada (“disse[ram]” 73 vezes), passivação (“foram/estavam/eram” 48 vezes) e *framing* (“polícia” 22 vezes; “ilegal/ilegalmente/morte/sem-documentos/sem-licença”, 18/3/3/3/3 vezes; “preso/prisões/prisão/confiscado”, 13/3/3/4 vezes). Outros *tokens* menos frequentes também estão relacionados aos *frames* de crime-polícia, como “gangue” (9 vezes), “mineiros” (7 vezes), “ataques” (6 vezes) e “suspeito/suspeitado/supostamente” (6/5/3 vezes cada). Mais uma vez, os dados sugerem que a associação dos migrantes com a criminalidade/ilegalidade é provavelmente mais sistemática do que se poderia imaginar. Nesse sentido, parece haver pouca consideração pela hospitalidade, pela virtude da convivência, pelo zelo empático ou pela comensalidade (BOFF, 1981) dentro do tabloide – em um grau que parece superar a postura esperada pelos veículos de massa em geral, qual seja, o foco pervasivo em *más notícias*. Embora uma simples observação da lista de palavras não possa garantir a precisão dessa interpretação, ela será analisada mais detalhadamente a seguir, ao discutirmos concordâncias e sintagmas nominais.

Ainda sobre a lista de palavras, porém, itens como “estrangeiro[adj.]/estrangeiro[sub.]/estrangeiros[sub.]” (8/2/25 vezes) são até onze vezes mais prováveis de serem usados no texto do que palavras como “xenofobia/xenóforo/discriminação” (6/3/2 vezes) e “migrante/migrantes/imigrantes (1/4/4 vezes)”. Isso pode indicar uma indiferença para com os imigrantes, uma rejeição implícita ou uma tentativa malsucedida de ser politicamente correto. O fato é que, para além disso, a coletivização dos migrantes, por meio do uso de termos plurais como *estrangeiros*, *migrantes* ou *imigrantes*, parece mais comum do que se supõe. A coletivização e as implicações semânticas da escolha de palavras como *estrangeiro*/estranho e *estrangeiros*/forasteiros também sugerem um distanciamento da organização midiática e seus agentes em relação aos migrantes com seus dilemas. Mais uma vez, o zelo empático (BOFF, 1981) parece ser negligenciado pela mídia, ao menos nesta amostra.

Manchetes como “Operação Fiela varre as ruas” e “A Igreja abre as portas ao estrangeiro” são exemplos precisos de como funciona essa coletivização. Embora a última seja sobre sul-africanos oferecendo ajuda aos migrantes por meio de doações e a primeira diga respeito a uma iniciativa policial que incluiu a caça de motoristas bêbados, taxistas sem licença, traficantes de drogas e pessoas fora da lei, ambas tendem a identificar os migrantes como parte desta massa indistinta denominada “estrangeiros” ou “imigrantes ilegais”.

Mesmo quando se tenta projetar os migrantes como aqueles que ajudam os outros, a impressão de generalização ainda está presente, como se nota no artigo “Estrangeiros ajudam crianças deficientes”, em que os nomes dos benfeitores são substituídos pelos coletivos de suas nacionalidades. De qualquer modo, esta notícia em particular parece ser uma exceção, uma vez que foi a única do *Daily Sun* que este estudo conseguiu encontrar retratando explicitamente os migrantes como embaixadores ou praticantes de boa vontade para com os sul-africanos.

Ademais, uma análise das concordâncias com o verbo “dizer” e suas flexões, por exemplo, pode indicar quão injusta é a distribuição do direito à voz. O Quadro 3 sugere que os agentes governamentais têm dez vezes mais probabilidade de se expressarem diretamente nas notícias do que os migrantes.



Quadro 3: Quem fala no tabloide sul-africano

Fonte: elaboração dos autores

Embora o *Daily Sun* se autodenomine “jornal do povo”, uma análise inicial das concordâncias acima, considerando o direito à voz nas notícias em questão, aponta que o povo a que o órgão midiático se refere não são necessariamente os membros de seu público geral, em especial os migrantes. Além disso, é possível inferir que uma diferenciação entre nacional e migrante está de fato presente com referência aos entrevistados, o que aprofunda ainda mais a distância entre o direito dos nacionais e dos migrantes de se manifestarem nas notícias. Na verdade, estes últimos têm quase sete vezes menos chances de se expressar no jornal, mesmo quando são vítimas de crimes e opressão. Isso poderia nos levar a assumir que “o jornal do povo” tem pouca consideração pelos direitos dos migrantes negros de se autodenominar e de se autodefinir (HUDSON-WEEMS, 1993) em sua própria voz, autorizando outros a falarem em seu nome.

Parece óbvio, no entanto, que o *frame* do crime – sendo tão prevalente em muitas das notícias, seja para ilustrar os migrantes como agressores ou como vítimas – torna os textos mais receptivos às vozes dos funcionários governamentais quando esses agentes estão realizando operações e outras ações típicas de seu dever. Assim, ainda que sob a justificativa de que esses funcionários teriam mais espaço para expressar-se em virtude da utilidade pública do serviço que prestam, seria em tese contraditório por parte da imprensa propor o esclarecimento de crimes de modo a negligenciar o direito de acusados e vítimas de se pronunciarem com o leque de oportunidades que lhes é devido.

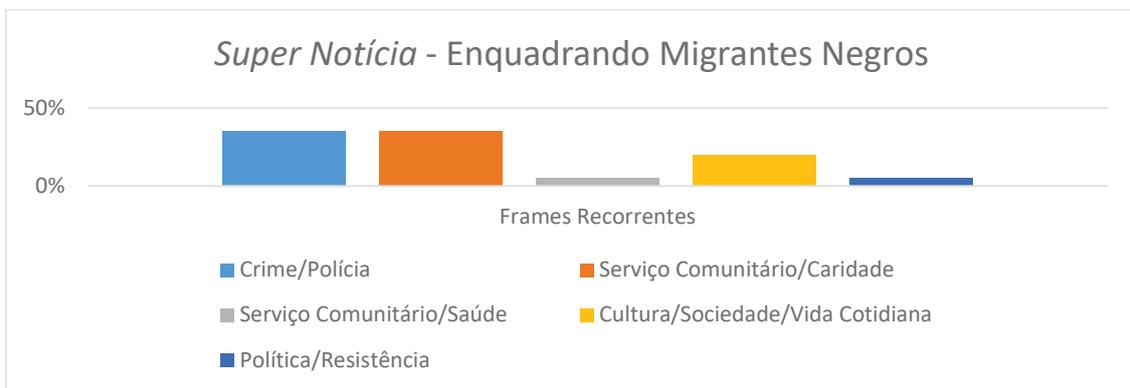
Ao processarmos sintagmas nominais, percebemos que muitas hipóteses iniciais não são confirmadas dentro do *corpus*. Em primeiro lugar, pode-se imaginar que um sintagma nominal como “imigrante ilegal” seja bastante frequente. No entanto, apenas três instâncias puderam ser localizadas. Por outro lado, se sintagmas nominais semanticamente semelhantes também são considerados, como “ser ilegal” (3 vezes), “mineradores/mineradores ilegais” (9 vezes), então o número aumenta exponencialmente. Pode ser necessário realizar essa conexão semântica, porque os migrantes são comumente associados à mineração ilegal e a outras atividades ilícitas em dados círculos sociais sul-africanos. Na verdade, se continuarmos adicionando sintagmas nominais relacionados a esse mesmo macrocampo semântico, esse número pode chegar a 113 instanciações.

Por sua vez, quando a palavra “estrangeiros” é considerada no centro dos substantivos, esta possui uma relação com a ideia de comércio informal/ilegal (“bodegas” 3 vezes) e é entendida na oposição entre estrangeiros e nacionais (“estrangeiros vs. Sul-africanos” 4 vezes). Também parece haver uma ligeira tendência de não só criminalizar ou vitimizar os migrantes, mas também de separá-los do resto da população sul-africana, criando, talvez de forma bastante sutil, aquela divisão sociocognitiva recorrente do *nós* contra *eles*. Novamente, isso indica uma possível negligência dos princípios de responsabilidade coletiva (KARENGA, 1998) e zelo empático (BOFF, 1981).

Na notícia “Ataque a criminosos por roubo de bens”, por exemplo, fica evidente uma ilustração dessa divisão. Embora a notícia pareça focar crimes geralmente cometidos por cidadãos nacionais, o ‘crime’ de estar no país sem a documentação adequada é separado do resto e mencionado no final do texto, quase como se fizesse parte de uma classe especial de ilegalidade, independentemente de como as leis locais classifiquem o ato, seja como contravenção (atenuada) ou como uma conduta mais grave. Esses infratores estrangeiros, portanto, poderiam ser membros de uma categoria específica de criminosos, digna de distinta atenção negativa.

4.2 O JORNAL BRASILEIRO

No caso brasileiro, o tabloide *Super Notícia* segue um padrão bem diferente no que diz respeito ao uso da linguagem verbal para se referir aos migrantes. Embora crime-polícia pareça ser um *frame* recorrente (35% dos artigos), sua frequência é equivalente ao *frame* de serviço comunitário/caridade (35%), conforme sugerido no Quadro 4. Este último *frame* parece ter também uma natureza de denúncia e, pelo menos em um caso muito raro, há um sentimento de campanha e resistência dos imigrantes em favor de si próprios.



Quadro 4: Enquadramento do *Super Notícia* sobre migrantes negros

Fonte: elaboração dos autores.

Aqui, como exemplo do *frame* crime-polícia, podemos citar reportagens como “Dilma determina que Polícia Federal investigue ataque a senegalês” e “Haitiano é agredido até a morte em Santa Catarina”. Em ambos os casos, um migrante foi agredido ou morto em circunstâncias que sugerem xenofobia como um dos fatores contribuintes. Ao contrário do que acontece no *Daily Sun*, aqui o *frame* crime-polícia é predominantemente apresentado para representar os migrantes como vítimas. Em um movimento que parece desafiar o consenso sobre os brasileiros como pessoas cordiais e acolhedoras, algumas reportagens revelam como a violência pode acontecer contra os migrantes nos estados mais ‘bem-sucedidos’ socioeconomicamente, no Sul do Brasil, onde a grande maioria das pessoas é branca ou descendente de europeus. Essa dinâmica leva a inferir que, apesar de o Brasil não ter vivenciado surtos xenófobos sucessivos como os observados na África do Sul nos anos de 2008, 2015 e 2019, os jornais brasileiros optaram por focar nesses casos mesmo assim, quase como uma forma de contrastar um *ethos* nacional imaginário de calor humano e hospitalidade com aqueles episódios de violência.

Outros exemplos de reportagens apontam também para a penetração dos *frames* de serviço comunitário/caridade, conforme consta em “Regularização é demorada” e “Casa de apoio começa a receber haitianos”. Nesses e em outros casos, os textos destacam o caráter de “bom samaritano” de alguns brasileiros e a natureza burocrática generalizada dos sistemas de documentação nacional – o que posiciona os cidadãos do país anfitrião como agentes condescendentes em relação aos migrantes negros. Em ambas as ocorrências,

como em muitas outras, os migrantes são de certa forma ‘dignos de pena’ e são vitimados, não necessariamente pelo crime, como nas ilustrações anteriores, mas pelos infortúnios de suas nações originárias ou pela ineficiência das esferas e órgãos governamentais brasileiros. Se no *Daily Sun* a causa dos migrantes pode servir como meio de criticar a corrupção interna e o crime, aqui a mesma causa serve de plataforma para criticar a burocracia nacional, a inadequação governamental e a falta de transparência na administração estatal, entre outros aspectos da vida pública.

Embora a coletivização ainda possa ser percebida em notícias como essas, elas tendem a estar mais ligadas à nacionalidade específica dos migrantes, bem como a seus nomes e idades, ao invés de apenas apresentar uma categoria geral de estrangeiros ou imigrantes, como apontado nos exemplos do *Daily Sun*.

Além disso, uma análise preliminar dos *framings* indica uma tendência a uma ênfase do jornal sobre a agentividade dos imigrantes, o que seria a favor do princípio da autodeterminação/*Kujichagulia* (KARENGA, 1998). Um olhar mais atento a cada artigo, no entanto, revela que uma aura geral de caridade pode dominar ligeiramente não só os artigos relacionados ao *frame* de serviço comunitário, mas também àqueles relacionados a cultura/sociedade/cotidiano (20%), e é mais ou menos implícito em todos aqueles relativos ao *frame* crime-polícia.

De todo modo, é necessário fazer aqui uma distinção muito importante. Em todas as notícias com o *frame* crime-polícia, os imigrantes são representados como vítimas ou tendem a ser vitimizados pela publicação. Uma análise mais aprofundada da emergência de suas vozes nesses textos deve indicar se há uma perspectiva mais paternalista nesse *frame* do que nos artigos do *Daily Sun*, conforme será discutido a seguir.

Desnecessário dizer, talvez, que as notícias dentro do *frame* serviço comunitário/caridade também tendem a tratar os imigrantes negros como vítimas. Testando esses pressupostos numericamente, poderíamos dizer que pelo menos 75% dos artigos apresentam uma ligeira tendência à vitimização dos imigrantes, possivelmente reforçando imagens de impotência, vulnerabilidade, pobreza, sofrimento e piedade. Dois exemplos valiosos dessa tendência podem ser encontrados em reportagens como “Os haitianos são as principais vítimas”, que explora a realidade dos migrantes que trabalham em empresas em condições de quase escravidão; e “Imigrantes enfrentam falta de informação no país, diz pesquisa”, que, entre outras coisas, explica como os órgãos públicos falham em fornecer aos migrantes em todo o país as informações necessárias e suficientes para obterem a documentação adequada.

Esse panorama é, de certa forma, consistente com o fortalecimento de um posicionamento condescendente do órgão midiático, que não necessariamente contribui para os princípios da hospitalidade, convivialidade e da “comensalidade [não apenas] como direito e [mas, também] como dever” (BOFF, 1981, p. 58). Nesse ponto, uma observação mais crítica nos permitiria operar conexões entre o ideal católico brasileiro de caridade e esta perspectiva paternalista, especialmente no estado de Minas Gerais (sede do tabloide), onde o catolicismo está profundamente arraigado no imaginário popular e, portanto, na apreensão dos leitores do mundo ao seu redor. Além disso, jornais regionais brasileiros, como o *Super Notícia*, podem estar menos preocupados com o politicamente correto e mais em reproduzir e refratar as opiniões desses leitores, talvez na tentativa de se aproximar de seu público e fidelizá-lo, inclusive pelo senso de identificação com ele.

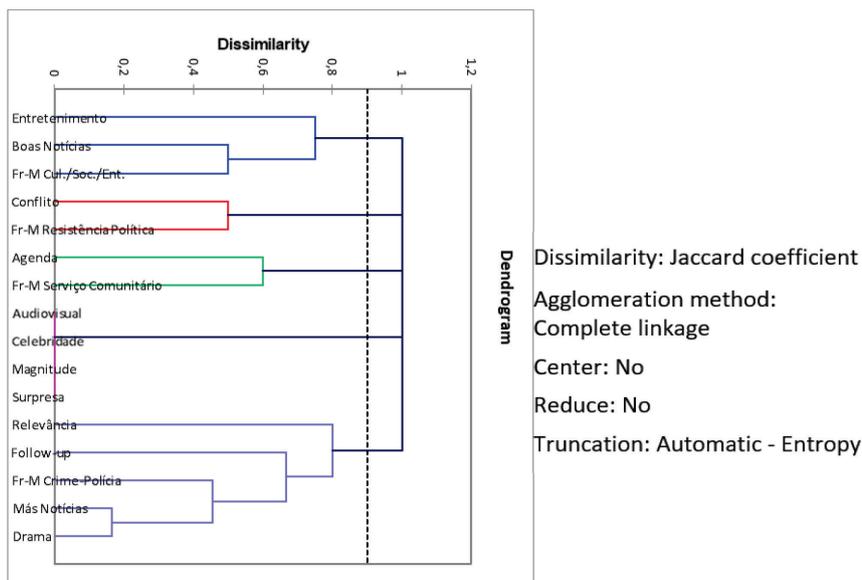
Surpreendentemente, porém, os imigrantes também surgem como agentes ou protagonistas de sua própria resistência política em pelo menos 5% dos artigos, nos quais, ao enfatizar mais a responsabilidade coletiva (KARENGA, 1998), o tabloide é mais respeitoso com os princípios da autonomia, autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993) e autodeterminação/*Kujichagulia* (KARENGA, 1998). Uma ilustração deste pró-ativismo dos migrantes pode ser notada em “Estrangeiros se unem em atos por moradia em São Paulo”, em que os migrantes são descritos como manifestantes em busca de melhores condições de vida na maior área metropolitana do país. Aqui, as lutas por uma vida mais digna parecem aproximar os sem-teto brasileiros e os migrantes sem-teto, ou seja, grupos que sofrem dada marginalização em comum. Nesse sentido, a luta por justiça socioeconômica aqui não é necessariamente particularizada em relação aos migrantes, na perspectiva do jornal, mas sim integrada a outros desafios que o país enfrenta em muitas categorias sociais, como a das mulheres e pessoas LGBTQI+.

Os 5% mencionados acima parece um número insignificante, embora possa ser maior, se considerarmos que muitas instâncias de pró-ativismo são atribuídas aos imigrantes negros por meio de lutas e sofrimentos, nos artigos relacionados a cultura/sociedade/cotidiano.

Existem ainda outros tipos de artigo em que os imigrantes não são enquadrados/*framed* como vítimas. No entanto, isso não significa que sejam representados de uma forma mais positiva. É exatamente o oposto. De fato, em cerca de 5% deles, no *frame* de serviço comunitário/saúde, os imigrantes são apontados como causadores de doenças que se propagam pelo país. A sugestão pode ser muito sutil, mas ainda assim é perceptível de um ponto de vista mais crítico. Nesse sentido, na reportagem “Depois de suspeita de ebola, Cascavel (PR) vai monitorar guineenses”, apenas os migrantes africanos são identificados e têm sua idade divulgada, apesar do fato de que dois argentinos, de um país de maioria caucasiana, também estão entre os suspeitos da infecção pelo ebola. O texto não indica qualquer análise a respeito desses ou de outros viajantes, independentemente de sua nacionalidade, que possam ter visitado regiões em que a contaminação é provável; em vez disso, concentra-se apenas nos migrantes africanos da Guiné. Sendo a única notícia deste *corpus* em que tal dinâmica se dá, dificilmente se poderia discutir com mais profundidade as origens e as consequências desse tipo de perspectiva em relação a uma representação mais justa dos migrantes africanos/afrodescendentes. Mesmo assim, a possibilidade de os africanos serem retratados como os principais portadores de doenças pode ser um tanto perturbadora para leitores mais críticos, que também podem interpretar posicionamentos como esse como um sinal sutil de um racismo inconsciente e estrutural, que geralmente escapa dos muitos filtros de uma correção política aplicada.

As visões mencionadas anteriormente sobre os migrantes negros como objetos de caridade ou vítimas podem novamente coexistir com uma descrição deles como causas de doenças, nestes artigos relacionados à saúde, nos quais o respeito pelos princípios de hospitalidade, comensalidade e zelo empático (BOFF, 1981) não parece estar presente.

Ao analisar os *News Values* mais recorrentes empregados nos artigos, percebemos que o número de textos com *boas notícias* é ligeiramente maior aqui do que no *Daily Sun*. Mais uma vez, esse aspecto pode apenas confirmar como a caridade, enquanto *macro-framing*, permeia a maior parte dos textos de notícia nestas amostras do *Super Notícia*. Na verdade, a caridade parece substituir a ideia de responsabilidade coletiva e trabalho cooperativo (KARENGA, 1998), enquanto os princípios de hospitalidade, comensalidade e zelo empático (BOFF, 1981) tendem a ser vistos como ‘deveres sublimes’ dos anfitriões, o que pode colocá-los em posições superiores em relação aos migrantes negros.



[Fr-M = Frame de Mídia \notin *News Values*]

Quadro 5: Uso de *News Values* pelo *Super Notícia*

Fonte: elaboração dos autores.

No dendrograma (Quadro 5), a combinação de diferentes valores reafirma o papel crucial da *agenda* da organização midiática e como a *relevância* é parcialmente construída por essa agenda. É preciso reconhecer que *relevância* e *agenda* não estão associadas apenas a *más notícias*, mas também a *boas notícias*. Isso parece diferir das perspectivas mais comuns do *Daily Sun*. No entanto, é preciso reconhecer, também, que a *relevância* tende a desaparecer quando se trata de *boas notícias*, enquanto a *agenda* do meio midiático continua a ter um papel significativo na incorporação dos migrantes às notícias. Esta última dinâmica pode ser encontrada nas notícias sobre crimes cometidos contra migrantes ou sobre serviços comunitários/governamentais que estão sendo oferecidos aos migrantes ou que deveriam ser fornecidos. Em muitas dessas notícias, o *follow-up* também parece um diferencial associado à *agenda* do veículo midiático, o que confirma como este penúltimo valor pode ser decorrente muito mais do ponto de vista interno do jornal do que de fatores externos.

Embora as *más notícias* possam ser consideradas mais relevantes do que as *boas notícias*, a disparidade no número de combinações entre elas não é tão patente quanto notado no *Daily Sun*. Nesse sentido, *surpresa* aqui só está ligada a *más notícias*, o que também aconteceu na amostra sul-africana. Semelhante ao caso do *Daily Sun*, o *follow-up* é empregado principalmente, senão totalmente, quando se trata de *más notícias*. Evidentemente, a quantidade total de *más notícias* é maior do que as *boas notícias*, e aquelas também parecem mais relevantes do que estas, que muitas vezes soam triviais/comuns.

O referido cenário de *follow-up* pode indicar que as *boas notícias* são isoladas como parte de um programa não articulado da publicação brasileira, o que sugere uma mudança lenta e contínua na mídia em direção a um engajamento mais deliberado e explícito com uma agenda de *boas notícias*. No entanto, os *follow-ups* de *más notícias* são muito mais frequentes e sistemáticos, representando 100% das amostras em que os valores desta notícia foram empregados. Quanto aos *follow-ups* do *Daily Sun*, não foi possível tirar outras conclusões sobre o assunto, devido à insuficiência deste tipo de instância para análise.

Ainda em relação às *boas notícias*, elas tendem a ocorrer nos *frames* de serviço comunitário/caridade e de cultura/sociedade/cotidiano. Quase três quartos delas (63%) enfatizam o papel dos migrantes como beneficiários ou vítimas, ajudados por alguma ação coletiva, política pública ou programa. Sua atuação como protagonistas não se destaca, a não ser que implique algum tipo de sofrimento, luta ou dor, em relação ao quais os nacionais provavelmente estariam “dando uma mão amiga”. Isso pode ser visto em vários graus de intensidade, em notícias como “Filhos viram tutores dos pais”, “Haitianos vão a hospital para a retirada de projéteis”, “Imigrantes enfrentam falta de informação no país, diz pesquisa”, e mesmo em “Estrangeiros se unem em atos por moradia em São Paulo”.

Por vezes, parece que os próprios brasileiros, as suas atitudes e o governo são o verdadeiro foco das notícias e a imagem dos migrantes surge para revelar mais sobre o caráter e o comportamento dos nacionais. Uma aura paternalista, semelhante a um ponto de vista egocêntrico, ainda faz parte do emprego desse *News Value*. Essa atitude também parece substituir um respeito mais perceptível pelos princípios da responsabilidade coletiva e do trabalho cooperativo/*ujamaa* (KARENGA, 1998). Em matérias como “Brasil vai ampliar concessão de vistos a haitianos” e “Haddad reclama da falta de aviso sobre o envio de mil haitianos a SP”, por exemplo, a perspectiva do jornal parece estar mais voltada para os problemas de comunicação, eficiência, adequação e organização entre os diferentes níveis e poderes de governo no Brasil do que nos próprios migrantes e suas realidades.

Outra diferença marcante entre os dois veículos midiáticos é a utilização de especialistas em uma das reportagens e a associação de *entretenimento* com *boa notícia*, o que não ocorreu no *Daily Sun*. No âmbito do serviço comunitário/saúde, os profissionais das ciências da saúde são trazidos para a publicação, a fim de comentar brevemente sobre os movimentos dos migrantes através das fronteiras e as implicações disso para a saúde geral. Aqui, os imigrantes negros são parcialmente retratados como perpetradores na disseminação de doenças, o que, ao nosso ver, viola os princípios básicos de justiça democrática e de equidade na representação desses migrantes (HIERRO, 1990), conforme mencionado anteriormente.

O último ponto que gostaríamos de destacar sobre os *News Values* está relacionado à ausência de alguns elementos em ambos os jornais. Em primeiro lugar, nenhuma das amostras parece ter recorrido ao *News Value* da *exclusividade*, que parece mais relacionado à *magnitude*, *celebridade* e *elite do poder*. Além disso, a *capacidade de compartilhar* uma notícia e os *audiovisuais* como *News Values* são quase inexistentes em ambos os *corpora* de mídia. Mais uma vez, isso pode corroborar a ideia de que a agência não é atribuída

aos migrantes, sejam eles vítimas, perpetradores de crimes (realidade um pouco mais frequente no caso sul-africano) ou beneficiários de caridade (mais evidente no caso brasileiro).

Passando agora à análise de palavras-chave, concordâncias e sintagmas nominais, discutiremos primeiro os itens lexicais mais frequentes em todo o *corpus* brasileiro, conforme realizado no *Daily Sun*. Devido à crise humanitária de 2015, talvez, a palavra “haitianos” (no plural) parece ser a mais frequente (82 vezes), principalmente se somada a outros vocábulos do mesmo campo semântico, como “imigrantes” (52 vezes), “estrangeiros” (18), “Haiti/haitiano” (18/18) e “refugiados” (18). Estes e outros números da lista de palavras são maiores do que no *Daily Sun*, porque o *Super Notícia* apresenta um número total de *tokens* repetíveis maior, mais de treze mil, enquanto o *corpus* sul-africano indicava pouco menos de seis mil.

A observação de concordâncias relacionadas juntamente com a frequência das palavras acima mencionadas também sugere que, ao invés de possuírem sua voz, os migrantes têm suas vozes traduzidas ou substituídas por aqueles que são ‘capazes’ de falar por eles. Mais uma vez, uma perspectiva condescendente pode ter sido empregada aqui, mas ainda é muito cedo para concluir isso. Uma investigação mais aprofundada dos dados deve apontar algo mais significativo a seguir.

De qualquer forma, em alguns textos em que se espera que os migrantes sejam vistos como o centro das atenções, não lhes é dada oportunidade de falar por si próprios; em vez disso, os funcionários públicos geralmente são aqueles que falam em seu nome, ou há um silêncio total a respeito de suas opiniões – como observado nestas notícias: “Número de refugiados dobra em 4 anos e chega a 8,4 mil”, “Secretaria de Saúde diz que haitianos foram baleados com chumbinho” e “Seis haitianos são baleados em ataque no centro de São Paulo”.

Não obstante, é necessário salientar que as notícias no âmbito da cultura/sociedade/cotidiano dão aos migrantes muito mais liberdade de fala. Em “BH, minha nova casa”, “Haitiano se destaca em estreia na tela” e “Filhos viram tutores dos pais”, os migrantes obtêm muito mais espaço para dizer aos leitores o que pensam e como se sentem, com suas próprias palavras.

Por outro lado, é interessante notar que, no jornal brasileiro, os mercados, as perspectivas econômicas, as lutas, as situações e os crimes relacionados ao mundo do trabalho estão substancialmente mais presentes. Palavras como “trabalha/trabalhar” (40/9 vezes), “escravo” (8) e “economia/emprego” (5/5) constituem uma quantidade muito significativa. Reportagens como “Haitianos são as principais vítimas” e “Centro de Apoio instrui empresas sobre contratação de estrangeiros” chamam a atenção para esses tópicos.

Embora a disputa por recursos entre nacionais e migrantes não seja explicitada, sua presença ainda se faz notar na perspectiva da caridade que parece dominar a maioria das notícias. Isso fica mais evidente se associarmos essas palavras a outros elementos também bastante frequentes, como “direitos” (18 vezes), “dificuldades” (11), “preconceito” (11), “falta” (10), “ataque” (9), “comer” (9), “refém” (8), “problemas” (7), “xenofobia” (6), “racismo” (5), “tiro” (5) e “risco” (5).

Outros itens da lista de palavras também apontam outra possibilidade para uma perspectiva paternalista e condescendente sobre os migrantes negros. Se associada às análises anteriores, a frequência de palavras como “apoiar” (15 vezes), “refúgio” (12), “habitação” (11), “ajuda/ajudar” (8/8), “pedidos” (7), “vítimas/vítima” (7/5), “recepção” (5) e “campanha” (5) confirmam um possível *frame* de caridade pelo jornal sobre os migrantes, o que pode ser encontrado em muitas das notícias sobre crime e serviço comunitário, e mesmo naquelas relacionadas a aspectos culturais e sociais da vida dos migrantes.

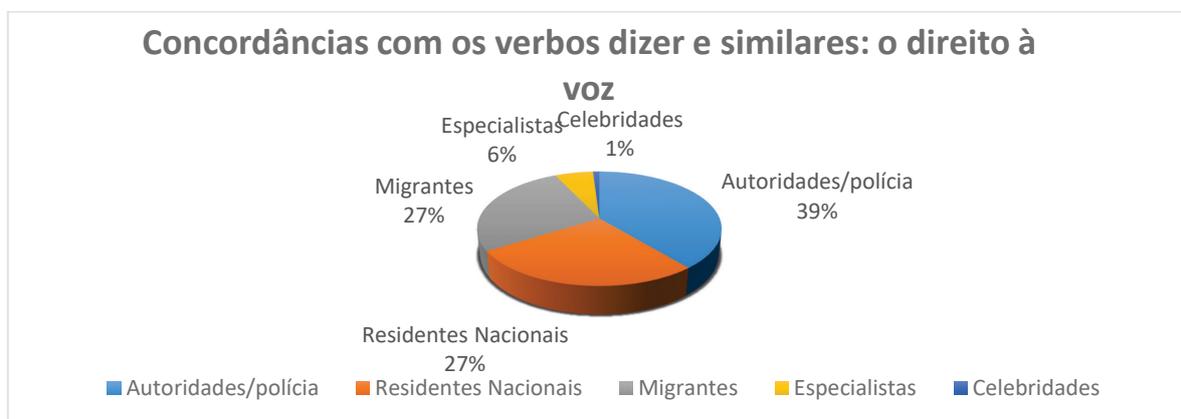
A frequência de palavras como “Brasil/brasileiro” (70/8 vezes), “governo” (18), “secretaria” (17), “nacional” (16), “estadual” (13), “federal” (10), “municipal” (10), “ministro/ministério” (9/9) e “prefeito” (9) sugere a prevalência de uma visão mais paternalista sobre os migrantes negros (189 *tokens*), em que o estado ou governo parece ocupar uma posição tão central quanto a própria ideia de caridade católica brasileira – ao menos de um ponto de vista mais prospectivo. Parece que o estado é o culpado e a caridade a salvadora, enquanto nenhum empoderamento dos migrantes negros é incentivado ou representado neste processo. Apesar da atenção sutil que é dada à cultura africana, muito esporadicamente (20% da amostra), o que não acontecia com a mesma intensidade no *corpus* sul-africano, a maioria das reportagens parece retratar os migrantes negros como sofrendores passivos, beneficiários ou vítimas, mesmo dentro de textos que consideram suas culturas, lutas e tradições. Nesse sentido, essa perspectiva não parece favorecer

os princípios da autonegação, autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993) e autodeterminação/*Kujichagulia* (KARENGA, 1998), apesar das poucas notícias que enfocam as dimensões socioculturais da vida dos migrantes no país de acolhimento, como “BH, minha nova casa”, “Haitiano se destaca em estreia na tela” e “Filhos viram tutores dos pais”.

Interessante notar que itens lexicais como “haitianos/haitiano/Haiti” (70/18 vezes), “imigrantes/migrantes” (65/5), “estrangeiros/estrangeiro” (28/5), “Senegal” (5) e “africanos” (4) são apenas ligeiramente mais abundantes do que os relacionados com os nacionais, conforme introduzido no parágrafo anterior (200 *tokens*). Mais uma vez, essa percepção permite especular se os próprios brasileiros, suas ações e seu governo são novamente percebidos pela imprensa como o centro do empreendimento beneficente, enquanto os “beneficiários” ou as “vítimas” podem ocasionalmente aparecer à margem, como geralmente ocorre com um *framing* condescendente. Se for esse o caso, as noções básicas de responsabilidade coletiva e *ujamaa* (trabalho cooperativo) não são seriamente consideradas ao enquadrarem-se esses migrantes (KARENGA, 1998).

Outras palavras relacionadas à análise da tomada de turnos e à emergência da voz também se destacam: “De acordo com” (30 vezes), “diz/disse(ram)” (21/20), “declara/declarou(ram)” (12/8), “informou [que]” (8), “revela [que]” (4) e “conta” (13). Por ora, muitas constatações da última palavra foram desconsideradas devido à sua ambiguidade em português. Sua frequência total foi de cerca de 24 constatações. Essa exclusão foi necessária porque, fora do contexto, “conta” pode significar dois verbos diferentes (falar ou calcular) e, ao mesmo tempo, um substantivo (conta).

Combinando todas as instâncias em que tais vocábulos são empregados, percebe-se que autoridades, como funcionários públicos, oficiais do governo em geral e policiais, se encarregam de 39% dos turnos de fala para expressar suas opiniões no *corpus* brasileiro. Assim como no *Daily Sun*, esses personagens sociais ainda exercem muito mais poder na mídia, como se depreende do Quadro 6:



Quadro 6: Quem fala no tabloide brasileiro

Fonte: elaboração dos autores

Por outro lado, considerando-se a menor frequência relativa de vozes das autoridades, aqui especialistas e migrantes obtêm uma porcentagem muito maior de turnos. Os especialistas têm seis vezes mais chances de ter voz aqui do que no *Daily Sun*. Além disso, os migrantes também têm quase seis vezes mais chances de ter o direito de falar aqui do que no jornal sul-africano. Nesse sentido, pode ser necessário admitir que, comparativamente, o *Super Notícia* está mais inclinado a respeitar os princípios da autonegação, autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993) e autodeterminação (KARENGA, 1998) quando se trata de tomada de turno.

No entanto, não se deve ser enganado pelas aparências. O fato de os migrantes terem mais ocorrências de autoexpressão em termos quantitativos não significa necessariamente que seu direito de dizer o que pensam e como pensam está sendo cautelosamente respeitado. Isso se deve a pelo menos dois fatores. Primeiro, muitos dos exemplos em que esses verbos e operadores discursivos são usados, na verdade, implicam fala indireta relatada. Portanto, são as vozes dos migrantes traduzidas para a voz do jornalista, mas dando a impressão de que são eles que falam por si, o que pode não ser exatamente o caso. Em segundo lugar, devido aos procedimentos de edição, as opiniões dos migrantes podem ser distorcidas e transformadas em outras perspectivas, não necessariamente alinhadas com seus interesses e posicionamentos. Se for esse o caso aqui, então a aura paternalista que

mencionamos tantas vezes é implícita e persistentemente renovada, o que acabaria por significar uma violação das ideias de justiça democrática, igualdade e equidade na representação (HIERRO, 1990), sem falar de outros princípios, como a autodefinição (HUDSON-WEEMS, 1993).

Ademais, o maior número de tomadas de turnos por migrantes pode estar relacionado à legitimação de obras beneficentes ou pode ser utilizado para reforçar as perspectivas do jornal sobre temas como atuação governamental, política, cultura e sociedade, entre outros. Portanto, as vozes dos migrantes só viriam à tona quando fosse conveniente para apoiar essas opiniões ou para confirmar a validade do trabalho de caridade dos brasileiros ou mesmo a vitimização dos migrantes.

Curiosamente, parece que o espaço dos residentes nacionais nas notícias sul-africanas é parcialmente substituído por referências às vozes dos migrantes no tabloide brasileiro. Porém, nacionais que não são autoridades ou especialistas têm três vezes menos chances de ter voz na publicação latino-americana.

5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

As discussões deste artigo permitem concluir que, quanto ao *corpus* verbal, o jornal sul-africano retrata os migrantes principalmente à luz da criminalidade, seja como infratores ou como vítimas. Na verdade, parecem ser geralmente retratados como os primeiros e, quanto a esse aspecto particular, não parece haver qualquer diferença marcante em relação a estudos anteriores.

Uma análise equiparativa dos *News Values* aplicados às representações dos migrantes também sugere que as *más notícias*, o *conflito* e o *drama* estão muito mais presentes do que as *boas notícias* no *Daily Sun*. Além disso, parece haver combinações inusitadas de *entretenimento* com *más notícias* e *conflito/drama*, o que não parece ser um achado comum em pesquisas anteriores. Uma exploração mais aprofundada de concordâncias, palavras-chave e frases substantivas indica uma forte passivização dos migrantes. Se voltarmos nossa atenção para o direito que os migrantes têm de se expressar por meio de suas próprias palavras no *The Daily Sun*, percebemos que os agentes do governo têm dez vezes mais chances de ter uma voz do que os migrantes. Mesmo quando comparamos o direito à voz entre migrantes e nacionais, notamos que os migrantes têm até sete vezes menos probabilidade de ter uma chance de se expressar.

O *corpus* do jornal brasileiro, por outro lado, delinea os migrantes nos panoramas de vítima e beneficiário. A ideia de vítima costuma estar no *frame* crime-polícia, enquanto a ideia de beneficiário está mais relacionada ao *frame* caridade/serviço comunitário, sendo ambos igualmente frequentes como estratégias. Esta nossa conclusão específica não corresponde às representações comumente hostis encontradas por outros estudiosos, que destacam o retrato dos migrantes como simplesmente ilegais, criminosos e objetos de estereotipagem (cf. RASINGER, 2010).

Em ambos os jornais, não foi possível confirmar que os migrantes-homens são percebidos como mais ameaçadores do que as migrantes-mulheres, conforme sugerido por outros pesquisadores (cf. MOORE; CLIFFORD, 2007). No caso do jornal brasileiro, a associação dos migrantes à ideia de ameaça só surgiu sob o *frame* de preocupações com a saúde, embora no meio de comunicação sul-africano esta última percepção pareça mais difundida.

Ao contrário do *Daily Sun*, no *Super Notícia* quase um quarto dos artigos de notícias tenta trazer representações menos injustas das culturas e dos modos de vida migrantes. Essa é outra razão pela qual alguém pode ser levado a acreditar que, neste caso particular, não há uso perceptível de autoesquemas internos que degradam um grupo externo em relação aos critérios de filiação, como sugerido anteriormente por alguns pesquisadores (cf. YANG, 2014; RASINGER, 2010).

Se a publicação sul-africana parece negligenciar as culturas, lutas e tradições dos migrantes mais amplamente, o *Super Notícia* utiliza sua abordagem frequentemente condescendente para dar alguma atenção a esses elementos; esta parece ser uma notação mais comum em outros trabalhos de pesquisa. No entanto, aquelas tentativas de representação menos nociva também parecem transmitir simultaneamente uma aura de caridade, reduzindo significativamente a probabilidade de os migrantes serem

representados sob a conotação de ilegalidade, ameaça, perigo, risco ou estranheza. No entanto, isso não significa que eles sejam majoritária e consistentemente representados de acordo com critérios ou padrões mais justos. Na verdade, se considerarmos esta aura semântica de forma mais extensa, então haverá cerca de três quartos das reportagens brasileiras que contêm uma tendência considerável de vitimizar os imigrantes negros, pois reforçam imagens de impotência, vulnerabilidade, pobreza, sofrimento e piedade. Esses resultados também contrastam com aqueles sugeridos por outros linguistas aplicados (cf. MAWADZA, 2012), que notaram que os migrantes são repetidamente representados como causas de pânico moral, como abusadores e ‘estranhos’.

Outra distinção marcante entre *Super Notícia* e *Daily Sun* é o número ligeiramente maior de *boas notícias* que o primeiro apresenta. A ênfase significativa nas *boas notícias* aponta o papel crucial da *agenda* da organização midiática e como a *relevância* é parcialmente construída por essa agenda, que parece, em última análise, ter a caridade como perspectiva. Pesquisas comparativas anteriores, no entanto, sugerem que as *más notícias* podem ser muito mais persistentes do que quaisquer outros *News Values* (cf. NYAMNJOH, 2010; MCDONALD; JACOBS, 2005).

De todo modo, é preciso lembrar que as *más notícias* ainda são mais frequentes do que as boas, tanto que, à semelhança do que acontece no jornal sul-africano, o *follow-up* se aplica principalmente às *más notícias* no *Super Notícia*, e essa é uma realidade bastante semelhante àquela que outros estudos têm apontado nos últimos anos. No entanto, e apesar do jornal sul-africano ser mais persistente na ideia dos migrantes como marginais, os dois jornais raramente recorrem ao sensacionalismo na medida esperada, se é que ocorre no caso do jornal brasileiro. Esta conclusão particular também parece diferente das descobertas de alguns outros estudos (cf. MCDONALD; JACOBS, 2005).

No *Super Notícia*, as ações dos migrantes geralmente não se destacam, a menos que impliquem sofrimento, luta ou dor, em relação às quais os nacionais possivelmente oferecerão uma mão ajudadora, o que é também consistente com algumas investigações anteriores (cf. CHAN, 2013). Às vezes, parece que os próprios brasileiros, suas atitudes e o governo estão no centro das atenções e a ideia de migrante surge para destacar o caráter e o comportamento dos nacionais; e em relação a isso não se encontram muitos paralelos na literatura científica deste tópico específico. Uma aura paternalista é sistematicamente apontada nos textos, outro ponto que diferencia este estudo de muitos outros que foram realizados até agora. Uma observação mais atenta das palavras-chave, concordâncias e sintagmas nominais indica que as vozes dos migrantes tendem a ser ‘traduzidas’ ou ‘substituídas’ por aquelas que seriam consideradas ‘adequadas’ para falar por eles, outra distinta percepção dessa nossa pesquisa.

Em comparação ao *Daily Sun*, no *Super Notícia* as autoridades tomam quase metade dos turnos para expressar suas opiniões. Embora no jornal brasileiro migrantes e nacionais tenham quase o mesmo número de oportunidades de se expressar, as autoridades governamentais ainda têm mais chances de se manifestar. Nesse sentido, os especialistas têm seis vezes mais chances de ter voz no *Super Notícia* do que no *Daily Sun*, e os migrantes têm quase seis vezes mais chances de ter o direito de falar no primeiro jornal do que no segundo. Essas percepções podem-nos levar a concluir que as perspectivas paternalistas são capazes de produzir efeitos inesperados, apontando uma maior probabilidade de os migrantes falarem por si mesmos, quase como se esses efeitos fossem pura ou unicamente benéficos para uma representação mais justa dos migrantes. Esse resultado, no entanto, não é necessariamente uma realidade verificável.

No todo, as atitudes dos dois tabloides em relação aos migrantes parecem essencialmente contrárias aos princípios de autoidentificação, automeação (HUDSON-WEEMS, 1993), autodeterminação, responsabilidade coletiva e trabalho cooperativo (KARENGA, 1998). Em menor medida, eles também tendem a violar as noções de hospitalidade, convivialidade, zelo empático e “comensalidade como um direito e um dever” (BOFF, 1981, p. 58), sem mencionar que têm pouca consideração pelas ideias afro-latinas de justiça democrática, igualdade e justiça na representação (HIERRO, 1990).

Mesmo assim, as diferenças e semelhanças significativas entre os jornais brasileiro e sul-africano podem-nos conduzir a uma investigação mais aprofundada de suas causas, algo que não seremos capazes de fazer neste trabalho, uma vez que isso requer muito mais análises e discussões de dados. Ainda assim, como prováveis fatores que podem ajudar a entender essas diferenças, sugerimos os seguintes: (1) no Brasil, o número de migrantes parece ser menor do que na África do Sul, o que pode explicar por que tanto mais hostilidade pode ser inferida do *Daily Sun*; (2) em 2015, houve relativa estabilidade/sucesso para muitas das economias sul-

americanas, como Argentina, Uruguai, Colômbia e Chile, o que não parece ser o caso da África Subsaariana, onde a turbulência sociopolítica entre as nações é relativamente mais recorrente e, neste caso, o ambiente social pode ser menos propício para atitudes ou perspectivas acolhedoras; (3) a história social do Brasil parece estar profundamente relacionada ao catolicismo dos jesuítas e seus ideais de caridade condescendente, enquanto a história peculiar da África do Sul parece muito menos conectada a tais ideais; (4) a disputa por recursos na América do Sul, embora perceptível e insistente, não parece ser exatamente equivalente à do sul do continente africano; (5) a posição mais consolidada do *Super Notícia* no mercado midiático regional, em contraste com as lutas mais constantes do *Daily Sun* para se manter, também pode ser outro fator que contribua na decisão de recorrer a mais ou menos hostilidade no tratamento dos migrantes para atrair mais leitores.

REFERÊNCIAS

- BAKER, P.; LEVON, E. 'That's what I call a man': Representations of racialized and classed masculinities in the UK print media'. *Gender and Language*, v. 10, n. 1, p. 106-139, 2016.
- BLOMMAERT, J. *Discourse: a Critical introduction*. Cambridge: CUP, 2005.
- BOFF, L. *O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale das lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- CHAN, W. News media representations of immigrants in the Canadian criminal justice system. *Metropolis British Columbia*, v. 13, n. 3, p. 1-46, 2013.
- CLAASSEN, C. Explaining South African xenophobia. *Afrobarometer*, v. 1, n. 173, p. 1-25, 2017.
- COWARD, R.; ELLIS, J. *Language and materialism*. London: Routledge, 1977.
- COX, R. Towards a post-hegemonic conceptualization of world order: reflections on the relevancy of Ibn Khaldun. In: ROSENAU, J.; CZEMPIEL, E. (org.). *Governance without government: order and change in world politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 132-159.
- DUGNANI, B. *Imagens discursivas de imigrantes e suas implicações no discurso de receptividade do brasileiro na imprensa nacional: uma perspectiva dialógica*. 2017. 367f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. A dialectical-relational approach to Critical Discourse Analysis in Social Research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (org.). *Methods in Critical Discourse Analysis*. Thousand Oaks: Sage, 2015. p. 119-148.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- GITLIN, T. *The whole world is watching: Mass Media in the making and unmaking of the New Left*. Los Angeles: University of California Press, 1980.
- HALL, S. Media power and class power. In: CURRAN, J. et al. (org.). *Bending reality: the state of the media*. London: Pluto Press, 1986. p. 5-14.
- HALL, S. Encoding, Decoding. In: DURING, S. (org.). *The Cultural Studies reader*. London: Routledge, 1991. p. 507-517.

- HANSEN, A.; MACHIN, D. *Media and Communication Research Methods*. 2. ed. London: Red Globe Press, 2019.
- HIERRO, G. *Ética y feminismo*. Mexico City: UNAM, 1990.
- HUDSON-WEEMS, C. *Africana Womanism: reclaiming ourselves*. New York: Bedford, 1993.
- KARENKA, M. *Kwanzaa: a celebration of family, community and culture*. Los Angeles: Uni-SaP, 1998.
- MACHIN, D. *Introduction to Multimodal Analysis*. London: Bloomsbury, 2007.
- MAWADZA, A. *The Zimbabwean threat: media representations of immigrants in the South African media*. 2012. 225f. Tese (PhD in Linguistics, Language and Communication) – Department of Linguistics, University of the Western Cape, Cape Town, 2012.
- McDONALD, D.; JACOBS, S. (Re)writing xenophobia: understanding press coverage of cross-border migration in Southern Africa. *Journal of Contemporary African Studies*, v. 23, n. 3, p. 295-325, 2005.
- McNAIR, B. *Cultural Chaos: Journalism and Power in a Globalised World*. London: Routledge, 2006.
- MIGNOLO, W. The Global South and world dis/order. *Journal of Anthropological Research*, v. 67, n. 2, p. 165-188, 2011.
- MOORE, K.; CLIFFORD, S. The gendered use of the media by asylum seekers in Britain. *Gender and Development*, v. 15, n. 3, p. 451-466, 2007.
- NYAMNJOH, F. Racism, ethnicity, and the media in Africa: reflections inspired by studies of xenophobia in Cameroon and South Africa. *Africa Spectrum*, v. 45, n. 1, p. 57-93, 2010.
- O'NEILL, D.; HARCUP, T. What is News? *Journalism Studies*, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2017.
- RASINGER, S. Lithuanian migrants send crime rocketing: representation of 'new' migrants in regional print media. *Media, Culture & Society*, v. 32, n. 6, p. 1021-1030, 2010.
- TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at work*. Atlanta: John Benjamins, 2001.
- YANG, J. Representations of immigrant students in Canadian print news media: a Critical Discourse Analysis. *Critical Intersections in Education*, v. 2, n. 1, p. 27-43, 2014.



Recebido em 16/03/2022. Aceito em 29/06/2022.